

## **Estudos de Gênero e Masculinidades: por uma nova abordagem da história da capoeira (Salvador, 1930-1959)**

Adriana Albert Dias

### **Introdução**

No dia 20 de junho de 1931, um redator do jornal *A tarde* parece ter presenciado uma cena bastante comum na região do bairro Comercial da cidade da Bahia desde as primeiras décadas do século XX, dois carregadores jogando capoeira.<sup>1</sup> Era uma tarde de sábado, quando Januário e Victor “entraram a jogar capoeira” apenas “por brincado”, mas a diversão acabou terminando em conflito. Ambos faziam parte das camadas populares, eram negros e trabalhavam como carregadores, como a maioria dos capoeiras até os anos 1930 (DIAS, 2006).

De acordo com a notícia, foi por causa de um simples “pedaço de borracha” que eles se desentenderam. Victor queria que Januário cortasse a borracha “à viva força”, mas como seu colega de trabalho não atendeu ao seu pedido, Victor, de “temperamento impulsivo (...) armou-se de valente”, pegou um pedaço de pau e “sapecou com força” nas costas de Januário que “encolerizando-se” rapidamente “sacou de uma faca e cortou... o companheiro”. “Pagaram-se na mesma moeda”, como dizia o título da matéria, ou seja, se agrediram violentamente. Para o jornalista, a explicação de a brincadeira ter terminado em briga era muito simples, como “dizia o adágio: *Brincado de homem cheira a defunto...*”.<sup>2</sup> Este provérbio pode ser interpretado de muitas formas.

Uma das leituras possíveis é que a capoeiragem aparece como um divertimento de homem, uma prática realizada por um único gênero, sem a participação das mulheres. Por ser vista como “brincado” de um grupo, exclusivamente, masculino fica subentendido na notícia que a brincadeira era violenta, como se a violência fizesse parte da natureza masculina. Assim o jogo só poderia terminar em briga, quiçá em morte. Não foi este o caso, mas o que interessa aqui é que através desta matéria pode-se começar a desenhar uma das representações de masculinidade na capoeira: um homem do povo, negro e valentão, que não tem medo de brigar e quer ser respeitado/obedecido nem que seja pelo uso da força. Homens que parecem afirmar

---

<sup>1</sup> Durante a Primeira República, o bairro Comercial, localizado na região portuária de Salvador, incluía as três principais freguesias onde se registrou o maior número de incidência de capoeiragem neste período: o Pilar, o Paço e a Sé. Sobre a geografia da capoeira em Salvador ver DIAS, 2006, capítulo 1.

<sup>2</sup> *A Tarde*, 22 jun. 1931, p.8.

sua masculinidade a partir da própria violência; neste exemplo uma violência de gênero cometida contra outro homem.

O redator fez questão de demarcar que os dois rapazes eram “pardos”, talvez com o objetivo de desqualificá-los uma vez que naquela época as teorias científicas e racializadas ainda legitimavam o preconceito contra a população negra. No entanto, nota-se que esses homens, capoeiras, que no passado eram descritos nos jornais como vadios e vagabundos, nesta notícia são retratados como homens trabalhadores, apesar da personalidade impulsiva de quem agia sem pensar, movido pela fúria, reagindo com valentia e violência, elementos que aqui se destacam como atributos de um tipo de masculinidade.

Criminalizada pelo Código Penal de 1890, a capoeira passou por um processo de descriminalização e legitimação social a partir da década de 1930, deixando de ser crime em 1942.<sup>3</sup> Entre 1930 e 1960, a capoeiragem foi, paulatinamente, se afirmando como um dos símbolos da identidade nacional, através da ação dos próprios capoeiras, do apoio de intelectuais interessados nas práticas culturais negras e também do Estado com sua política nacionalista (ORTIZ, 2001; DIAS, 2015). Em Salvador, até 1950, “em paralelo à política de exaltação de alguns elementos da cultura popular, coexistia uma política de desafricanização e despolitização dos costumes” (DIAS, 2015, p. 107). De qualquer forma, foram tempos de grandes mudanças no mundo da capoeira, tanto no âmbito de sua prática e quanto na forma como ela era vista e representada socialmente (DIAS, 2015).

De acordo com a historiografia da capoeira soteropolitana, durante a Primeira República seu público praticante era formado por homens, negros e mestiços, das camadas populares que trabalhavam na região portuária e exerciam diversas atividades para sobreviver. Nesta época, ainda não existiam academias, e seu aprendizado e realização se davam nos espaços públicos (DIAS, 2006). Entre 1930 e 1960, um novo tipo de homem passou a praticar a capoeira: os estudantes universitários, muitos deles considerados brancos e oriundos da classe média. A capoeira migrava das páginas policiais dos jornais para as páginas desportivas. (PIRES, 2002; DIAS, 2015). Artistas e intelectuais aumentaram seus interesses pelas práticas culturais negras.<sup>4</sup> Essas mudanças tiveram um papel importante na construção de uma nova visão da sociedade

---

<sup>3</sup> O crime de capoeiragem foi enquadrado no artigo 402 do *Código Penal Brasileiro* de 1890. Este artigo foi retirado do *Código Penal* de 1940, publicado apenas em 1942.

<sup>4</sup> Dentre eles, pode-se citar Gilberto Freyre, Edison Carneiro, Ruth Landes, Jorge Amado, Pierre Verger, Caribé, Alexandre Robatto, Waldeloir Rego, entre outros.



sobre as manifestações étnico-culturais afro-brasileiras (DIAS, 2015). Dessa forma, cresceu de maneira significativa a multiplicidade de representações sobre a capoeira, assim como de seus praticantes. Sem dúvida, elementos de masculinidades estavam no alicerce de construção dessas representações.

Como já foi dito, entre o começo do século XX e o ano de 1959, a capoeira se expandiu para diferentes grupos sociais e vivenciou diversas transformações. Todavia, um elemento que perpassou este período é que ela continuou a ser praticada quase exclusivamente por um público masculino, formado por homens negros, brancos e mestiços, oriundos de diversas camadas sociais. Nesta nova proposta de investigação da história da capoeiragem soteropolitana, tem-se como objeto de estudo: o processo de construção das masculinidades e sua articulação com as relações de poder na capoeira entre 1930 e 1959, o período de sua descriminalização, expansão e legitimação social. Partimos da seguinte problemática central: como e por que as diretrizes “generizadas” de masculinidades foram importantes na constituição, manutenção e alteração das representações e práticas da capoeiragem no momento em que a capoeira paulatinamente deixava de ser associada à marginalidade e passava a ser considerada um dos grandes ícones da cultura nacional?

Esta investigação será desenvolvida através da interlocução entre as múltiplas representações de masculinidades construídas sobre a capoeira e as práticas culturais desses homens (e mulheres) em seu cotidiano a partir de um *corpus* documental bastante diversificado que inclui jornais, fotografias, crônicas, literatura, cantigas de capoeira, posturas municipais além de memórias (orais e escritas) e processos crimes envolvendo estes sujeitos. Este amplo *corpus* documental será analisado na perspectiva da história dos Estudos de Gênero combinada com a História das Masculinidades.

Muito embora, entre 1930 e 1959, tenham aumentado de forma substancial a quantidade e a variedade de documentos sobre o tema, persiste uma considerável lacuna no universo da pesquisa histórica sobre a capoeira de Salvador. Assim, estudar este novo estudo nos permitirá entender as transformações e permanências, conflitos e negociações entre as representações de masculinidades da capoeira num momento em que a própria capoeira passava por diversas mudanças. A proposta é iniciar esta pesquisa em 1930 porque foi a partir desse ano que começou de maneira mais marcante o processo de descriminalização desta prática e a diversificação das representações de masculinidades neste universo. A partir de 1959 aumentou,

de forma lenta e gradual, a participação das mulheres nas academias e assim ela deixou de ser um território quase que exclusivamente masculino.<sup>5</sup>

Entre outros aspectos, estes são alguns dos problemas que podem ser investigados a partir desta nova proposta de pesquisa: Como os aspectos culturais da capoeira se (des)articulavam com as relações de poder e as diretrizes de gênero vigentes à época estudada? Quais eram as representações de masculinidades na ampla produção cultural sobre o capoeira baiano e como elas se modificaram ao longo do período estudado? Houve permanências? Perguntamo-nos ainda quais as representações e práticas de masculinidades que foram legitimadas, deslegitimadas e alteradas durante o processo de construção da identidade nacional? Se houve uma longa tradição em que o capoeira era associado ao vadio, como foi o esforço para heroizá-lo ou legitimá-lo? O que se pretendia com isso?

Durante o processo de descriminalização e de legitimação social da capoeira, as diretrizes de gênero interferiram de forma variada, complexa, dinâmica, relativa e relacional na maneira como a capoeira foi construída, legitimada e alterada, demonstrando diversas formas de relações de poder. Neste sentido acreditamos que houve mudanças e permanências nas representações de masculinidades dos capoeiras de modo que tais representações assumiram um espectro que ia desde o vadio e valentão até o mestre de capoeira.<sup>6</sup> Tais representações tiveram um impacto nos significados e na prática da capoeiragem em Salvador.

Dentro deste contexto de consolidação de uma nova identidade nacional, em que as práticas socioculturais e políticas consideradas negras passaram a ser reconhecidas como símbolos de brasilidade, houve um esforço de diversos setores da sociedade em transformar a imagem do homem capoeirista que no passado era, predominantemente, associado ao marginal, em uma espécie de herói nacional (ORTIZ, 2001; DIAS, 2015). Neste processo, estiveram envolvidos o Estado brasileiro, diversos artistas e intelectuais e os próprios capoeiras baianos, cada um com seus interesses específicos.

### **Revisão bibliográfica**

Desde meados do século XIX, a capoeira foi registrada por viajantes, artistas e memorialistas. No meio acadêmico, este tema despertou o interesse de cientistas sociais e

---

<sup>6</sup> Dentro deste espectro, pode-se elencar a princípio: o capoeira vadio, o valente, o trabalhador, o agente da ordem, o lutador de ringue, o negro belo, forte e sensual, o estudante universitário, branco e de classe média, o dançarino/bailarino, o esportista/educador físico e o mestre de capoeira.

historiadores/as, sobretudo, após o centenário da abolição. A partir do final dos anos 1990, a história da capoeira na Bahia começou a ser pesquisada dentro da universidade e ainda hoje se restringe à sua capital (PIRES, 2002; OLIVEIRA, 2005; DIAS, 2006). Inicialmente esta capoeira foi objeto de estudo de memorialistas interessados nas tradições populares de matrizes africanas na capital da Bahia.<sup>7</sup> Antes dos acadêmicos, dois grandes pesquisadores já escreviam sobre o tema: Jair Moura e Frede Abreu.<sup>8</sup>

Édison Carneiro (1912-1972), conhecido etnógrafo dos “costumes africanos” na Bahia, pode ser considerado um dos precursores dos estudos sobre a capoeira de Salvador. Em 1936 publicou na imprensa a primeira descrição etnográfica sobre a capoeira que, posteriormente, inseriu no seu famoso livro *Negros Bantus* (1937). Este texto pioneiro lançou pistas importantes aos futuros estudos sobre o tema e foi usado como fonte importante nas pesquisas sobre a história da capoeira praticada em Salvador entre os anos de 1920 e 1930. Entretanto, nenhum desses/as estudiosos/as, que retomaram os dados trazidos pelo memorialista, se atentaram ao fato de que as letras das cantigas de capoeira citadas, os apelidos lembrados e as descrições feitas sobre as características, atitudes e hábitos desses homens apontavam para a centralidade da masculinidade na capoeira. Para se desenvolver um estudo como este que estamos propondo é importante que esta etnografia pioneira seja retomada como fonte e analisada sob o viés dos Estudos de Gênero.

Em 1968, no livro *Capoeira Angola*, escrito por outro memorialista, Waldeloir Rego (1930-2001), a capoeira de Salvador recebe a sua primeira descrição etnográfica densa.<sup>9</sup> Esta obra clássica, embora tenha sido usada, como fonte e também bibliografia, por estudiosos/as do tema, sua parte mais preciosa, que são cerca de 150 cantigas de capoeira coletadas pelo autor, não foi devidamente analisada como fonte histórica. Através delas é possível discutir sobre as representações de masculinidades que perpassava o repertório musical da capoeira na época.

No universo acadêmico, a capoeira praticada em Salvador foi inicialmente estudada pelos/as cientistas sociais (VIEIRA, 1992 e 1995; REIS, 1993). Dentre esses trabalhos, destacam-se as análises feitas pelo sociólogo Luiz Renato Vieira e pela antropóloga Letícia Reis, ambos analisam o processo de modernização da capoeira durante a Era Vargas. Embora

---

<sup>7</sup> QUERINO, 1916; CARNEIRO, 1937; REGO, 1968.

<sup>8</sup> Dentre suas obras, destacamos apenas as pioneiras: MOURA, 1979 e ABREU, 1999.

<sup>9</sup> Apesar o título da obra se referir a apenas um dos estilos de capoeira da época, o livro trata também, com menor ênfase, da capoeira regional.

esses trabalhos levantem discussões importantes sobre a legitimação social da capoeira, nota-se a ausência de uma pesquisa histórica sistemática sobre esse contexto da capoeiragem durante a Era Vargas e o período de redemocratização (1945-1959). Nesta nova proposta de investigação, será necessário analisar de maneira mais cuidadosa a complexidade deste processo levando em consideração as masculinidades em transformação vistas aqui como um dos elementos centrais para entender este momento considerado um marco divisor na história da capoeira.

A Primeira República foi o período de estudo privilegiado pelos/as historiadores/as da capoeira de Salvador (PIRES, 2002, 2004; OLIVEIRA, 2005 e DIAS, 2006). Dos resultados destas pesquisas pioneiras, sabe-se que, naquela época, a capoeira era praticada predominantemente por homens negros, pobres e analfabetos que tinham a vida marcada pela violência. Os capoeiras entravam em conflito com policiais, com outros capoeiras, trabalhadores de rua, desordeiros e também com mulheres do povo (PIRES, 2004; DIAS, 2006). Dentro deste contexto, a valentia se tornava uma “arma de sobrevivência” e uma forma de “afirmação da masculinidade”. Observa-se também que muitos desses homens tinham apelidos que destacavam “as características do homem “macho” e valentão”. (DIAS, 2006, p.135, p. 68). Nota-se que elementos ligados à masculinidade, à violência e às relações de gênero já apareciam nestes trabalhos, mas não foram aprofundados por seus/suas autores/as. Durante o período de descriminalização da capoeira, apesar de todas as mudanças sofridas pela capoeiragem, observa-se através da documentação que esta imagem do capoeira como vadio e valentão continuará presente nos jornais( como vimos na introdução deste texto), na literatura e também em algumas músicas cantadas nas rodas, ainda que surjam neste período muitas outras representações de masculinidades na capoeira.

Sobre a história da capoeira de Salvador entre os anos 1930 e 1950, na realidade, apenas o historiador Antonio Pires (2002) se debruçou sobre este período. Nesta obra, ele reconstituiu parcialmente a biografia dos mestres Bimba e Pastinha e a história de suas respectivas academias numa perspectiva cronológica. Outro livro que deve ser mencionado sobre a capoeira dos anos 1930 é o trabalho do pesquisador Frede Abreu (1999) que trata sobre um evento fundamental para entender a história da capoeira em Salvador neste período: as lutas no ringue do Parque Odeon. O autor reuniu neste livro cerca de 80 notícias da imprensa local, entre 1935 e 1937, quando já aparece uma outra representação de masculinidades na capoeiragem: o

lutador de ringue. Estes dois estudos não esgotam o universo da capoeira entre os anos 1930-1950, pois suas análises se concentraram nas figuras de mestres Bimba e Pastinha, deixando de lado a vasta produção cultural que surgiu a partir dos anos 1930 sobre o tema, assim como as experiências dos demais capoeiristas e os espaços sociais plurais ocupados pela capoeira, elementos que devem ser aprofundados.

Para finalizar esta revisão bibliográfica, é necessário mencionar uma coletânea de *Ensaaios*, cujos organizadores se propõem a discutir sobre as relações entre capoeira, história e gênero. Apesar desta obra ter sido publicada em 2009, o termo gênero ainda é usado, exclusivamente, como sinônimo de mulher e os artigos são de caráter descritivo, sem problematizar de fato às relações de gênero de maneira complexa, relacional e historicamente desnaturalizada. Entretanto, ao abordarem sobre a capoeira na capital baiana no início do século XX, Josivaldo Oliveira e Augusto Leal confirmam a rara presença de mulheres neste universo e reconhecem que neste período a capoeira era “uma prática diretamente associada ao homem por comportar elementos constitutivos da masculinidade, a exemplo do biótipo e das ações de violência física” (PIRES e LEAL, 2009, p.117).

### **Possíveis caminhos teórico-metodológicos**

A pesquisa proposta se insere no campo de Estudos de Gênero combinado com a História das Masculinidades. Como nosso núcleo de interesse é o processo de construção das masculinidades e as relações de poder na capoeira, gênero é uma das categorias centrais que deve nortear esta pesquisa. Sua trajetória está ligada à história dos movimentos feministas contemporâneos. É a partir da chamada “Segunda onda” dos movimentos feministas, iniciada no final dos anos 1960, nos EUA, que gênero foi concebido e problematizado com maior sistematicidade. Naquele momento, as feministas passaram a questionar a forma androcêntrica de fazer ciência em diferentes campos de saber (LOURO, 1997). Dentre esses campos de saber, a História foi a disciplina que mais adiou a incorporação do gênero como uma categoria de análise na pesquisa, o que é explicado pela longa tradição de se atribuir ao Homem o caráter universal de sujeito da história (SOIHET e PEDRO, 2007).

Num primeiro momento, quando emergiu a História das Mulheres, gênero era usado como sinônimo de mulher e entendido como categoria homogênea, singular e essencial. A partir dos anos 1980, especialmente no âmbito da historiografia anglo-saxã, o termo gênero começou a ser usado com o objetivo de “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como

sexo ou diferença sexual” (SCOTT, 1991, p.3).<sup>10</sup> A ideia era enfatizar o caráter social, cultural e histórico das diferenças sexuais. Masculino e feminino passaram a ser entendidos como construções sociais impostas a corpos sexuados e que, para serem compreendidos na sua subjetividade, deveriam ser contextualizados (SCOTT, 1991). Neste sentido, a categoria gênero “pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (LOURO, 1997, p.22).

A tradução do artigo de Joan Scott (1991) representou um marco na historiografia brasileira sobre os Estudos de Gênero. Segundo a autora, não bastava destacar o caráter social da categoria, mas entender “como e porque” as relações de gênero são construídas de uma forma e não de outra. Scott chamou atenção para o aspecto relacional da categoria gênero, uma vez que os gêneros se constroem no âmbito das relações sociais. A partir desta constatação, os Estudos de Gênero não poderiam mais se restringir às mulheres, porque os homens passaram a ser também pesquisados numa nova perspectiva.

Para se investigar a história da capoeira a partir desta nova perspectiva proposta, é fundamental que se adote a categoria gênero neste sentido discutido por Scott, negando qualquer visão essencialista, biologizante e unilateral das diferenças sexuais. Partimos do pressuposto de que gênero é uma categoria construída, com múltiplos significados, sempre móveis e “transbordantes” a depender do contexto histórico, do lugar, da sociedade analisada, e que, portanto, está sempre sujeita a mudanças.

Como afirma Guacira Louro (1997), gênero deve ser entendido como parte constitutiva da identidade dos sujeitos. Identidades que são compreendidas de forma plural, múltipla, mutável e que podem ser até mesmo conflitantes. Dessa forma, gênero deve ser analisado em articulação com outras categorias sociais que compõem as identidades dos capoeiras.<sup>11</sup> A análise conjunta dessas categorias será fundamental para entender a coesão, os conflitos, as simetrias, as assimetrias, as horizontalidades e as hierarquias entre as representações de gênero na capoeira e o impacto das lutas de representações na vida dos capoeiristas, nas relações de poder.

Outra questão fundamental levantada por Scott, com base em conceitos discutidos por alguns autores pós-estruturalistas, a exemplo de Michel Foucault, é a importância da

---

<sup>10</sup> Contudo, ainda nos dias de hoje não existe um consenso entre as especialistas a respeito da caracterização da categoria.

<sup>11</sup> A saber as categoriais de raça/etnia, classe ou grupo social, faixa etária, geração, naturalidade e nacionalidade.

desconstrução do “caráter fixo e permanente da oposição binária” de gênero em que as concepções de gênero, masculino e feminino, no singular, são pensadas sempre de maneira antagonica (SCOTT, 1991, p.18). Dentro desta oposição binária, o homem é visto enquanto pólo dominante/opressor e a mulher a dominada/vítima, como se essa fosse naturalmente” a única configuração possível.

A ruptura com esta polaridade fixa dos gêneros “significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um” (LOURO, 1997, p.32). Esse rompimento possibilita perceber que este antagonismo e hierarquia são construídos e devem ser historicizados. A proposta da historiadora fortalece o argumento de que existem múltiplas formas de masculinidades e feminilidades e que as hierarquias entre gêneros, podem assumir configurações variadas, pois se organizam por meio de complexas e variadas redes de poder.

O conceito de poder foucaultiano, entendido enquanto uma “rede” que se espalha por toda a sociedade de maneira capilar, ou seja, que não se encontra em apenas um pólo, se articula perfeitamente com as reflexões de Scott. Foucault não trabalha com a ideia de posse permanente ou centralidade absoluta do poder, como algo que um grupo possui e outro não, permanentemente. O poder, ou melhor as relações de poder, seriam dispositivos, manobras, “exercícios” praticados pelos sujeitos em diferentes direções, que provocam “efeitos” sobre suas próprias ações e nas dos outros. Para o filósofo, o poder é “uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade” (FOUCAULT, 1987, p.29). Esta rede de relações de poder, historicamente, atravessada “por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas”, também fabrica (e busca controlar) homens e mulheres, corpos e comportamentos, modos de ser e agir, gestos, posturas e condutas, masculinidades e feminilidades. Dessa forma, “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (LOURO, 1997, p.27 e p.41).

É a partir desses pressupostos dos Estudos de Gênero que Raewyn Connell definiu o conceito de masculinidades. Seguindo suas orientações, masculinidade não deve ser compreendida como algo biológico ou inerente à personalidade dos homens, nem como “uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos”. Para o autor, “masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL, 2013, p.250). Portanto, as masculinidades são sempre múltiplas, plurais e variáveis, sujeitas a mudanças e que, para ser compreendidas dentro desta multiplicidade, precisam ser analisadas a partir de suas intersecções com outras categoriais sociais.

Connell (1995, p.190) vê a construção da masculinidade não somente como um “projeto”, ao mesmo tempo coletivo e individual, “no sentido de que é um processo que está continuamente se transformando, afetando e sendo afetado por inúmeras instituições e práticas”, como também por espaços sociais e representações (LOURO, 1997, p.49). Nesta proposta de pesquisa, o olhar da pesquisadora deverá direcionar-se para entender este processo de constituição das masculinidades na capoeira, analisando essas práticas e representações que constroem e são construídas *nas* e *pelos* diretrizes de gênero, as quais fabricam sujeitos no meio da capoeiragem de Salvador.

### **Conclusão**

Grande parte da historiografia sobre a capoeira demonstra a predominância do gênero masculino na prática da capoeiragem desde os primeiros registros históricos sobre o tema, mas até o presente momento não existem pesquisas que tenham problematizado o fenômeno numa perspectiva de gênero de forma sistemática e histórica. O desenvolvimento de uma pesquisa como esta é fundamental para ampliar e repensar a história da capoeira a partir de novos referenciais teórico-metodológicos nunca trabalhados em pesquisas sobre este assunto, o que permitirá ir além de uma história cronológica da capoeira. Busca-se através deste caminho relativamente inovador, ultrapassar os discursos sobre os lugares comuns na historiografia da capoeiragem. Este é o diferencial da pesquisa aqui proposta: compor e olhar para a documentação com uma nova lente de observação e, dessa forma, poder construir mais um capítulo desta história.

### **Bibliografia**

ABREU, F. J. de. *O Bimba é bamba: a capoeira no ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.



- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, janeiro-abril, 2013, p. 241-282.
- \_\_\_\_\_. Políticas da Masculinidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: *Educação & Realidade*, 20 (2): 185-206, jul/dez, 1995.
- DIAS, A. A. *Mandinga, Manha e Malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- \_\_\_\_\_. Trajetórias da capoeira baiana: do mundo das ruas a símbolo da identidade nacional. In: Joseania Miranda Freitas. (Org.). *Uma coleção biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA*. 1ed.Salvador: Edufba, 2015.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LYRA, J. e MEDRADO, B. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n. 3, set. /dez., 2008, p. 809-840.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, J. P. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. SSA: Quarteto, 2005.
- OLIVEIRA, J. P. e LEAL, A. P. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*, Salvador: EDUFBA, 2009.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. SP: Brasiliense, 2001.
- PIRES, A. L. C. S. *Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá: três personagens da capoeira baiana*. Tocantins: NEAB; Goiânia: Grafset, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937)*. Tocantins: NEAB; Goiânia: Grafset, 2004.
- REIS, L. V. *O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil*. SP: Publisher Brasil, 2000.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1991.
- SOIHET, R. e PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações
- VIEIRA, L. R. A capoeiragem disciplinada: Estado e cultura popular no tempo de Vargas. *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, (7), 1992, p.111-132.
- \_\_\_\_\_. (1990) *O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil*. RJ: SPRINT, 1995.